

SZLEZÁK, Thomas Alexander, *Ler Platão*, trad. de Milton Camargo Mota, Coleção Leituras Filosóficas, São Paulo, Edições Loyola, 2005, 198 pp. ISBN:85-15-03096-9

O pequeno livro de Szlezák tem uma trajetória absolutamente notável. Publicado primeiramente em italiano (*Come leggere Platone*, Rusconi 1991, 2ª ed. 1992), apareceu em seguida na Alemanha em 1993 (Friedrich Frommann Verlag – Günter Holzboog), e já foi traduzido para o francês (*Le plaisir de lire Platon*, Cerf 1996), para o espanhol (*Leer a Platon*, Alianza 1997) e para o inglês (*Reading Plato*, Routledge 1999). Essas são as línguas oficiais da *International Plato Society* (Sociedade Platônica Internacional), nas quais o livro não poderia deixar de aparecer, dada a notoriedade do seu autor no âmbito dos estudos platônicos, que tem na Sociedade um fórum privilegiado de debates. Porém, é preciso dizer que a notoriedade do livro e do seu autor se verificam também pelas traduções para o polonês (1997), para o sueco (1999), para o húngaro e para o croata (2000), para o coreano (2001), para o japonês e para o búlgaro (2002) e para o grego (2004), além das já anunciadas traduções para letoniano e para o romeno em 2006, para o checo e para o russo em 2007.

A elegante tradução de Milton Camargo Mota para o português vem se juntar a essa notável trajetória editorial, tornando acessível ao público brasileiro aquilo que o livro já oferece, de maneira literalmente magistral, em quase duas dezenas de línguas, a saber, a oportunidade de descobrir ou redescobrir o prazer de ler Platão. Digo magistral porque o livro se compõe de 27 pequenos capítulos, que são como lições de um mestre no assunto, que começam do que é mais fácil em Platão, isto é, “do que em Platão é diretamente acessível a nós modernos e incontro-verso”, para conduzir o leitor ao que é mais difícil, ou seja, “aos traços da obra dialógica platônica que não correspondem à nossa visão moderna do uso da escrita em filosofia e que, em consequência, são muitas vezes mal interpretados ou completamente ignorados, mas, não obstante atingem o cerne da compreensão platônica de filosofia” (p. 9s.).

Thomas Alexander Szlezák já é bastante conhecido entre os estudiosos de Platão pela sua afinidade com as posições da Escola Platônica de Tübingen-Milão, para a qual o recurso à tradição indireta do platonismo e, portanto, às assim chamadas doutrinas não-escritas, se apresenta como a via privilegiada e

irrenunciável de acesso ao todo do pensamento de Platão. Entretanto, o que está em questão neste pequeno livro não é em primeiro lugar a doutrina oral de Platão, mas a sua obra escrita. O livro foi escrito para que o público especializado e o não-especialista possam “chegar a uma interpretação dos escritos filosóficos de Platão que resista à sua crítica da escrita elaborada no *Fedro*” (p. 10). Portanto, é o Platão escritor que está na mira do autor.

O exercício de compreensão da escritura da filosofia em Platão em confronto com o paradigma romântico de interpretação do platonismo, fundado por Friedrich Schleiermacher, e com todos os problemas levantados pela moderna teoria da forma do diálogo foram exaustivamente enfrentados por Szlezák no seu grande livro *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie* (Walter de Gruyter & Co. 1985; trad. italiana: *Platone e la scrittura della filosofia*, Vita e Pensiero 1988, 3ª ed. 1992). Entretanto, o leitor não precisa conhecer aquela monumental obra para usufruir todos os benefícios dessa verdadeira iniciação à leitura de Platão. De fato, a publicação em pauta recolhe com grande habilidade os resultados teóricos de uma longa freqüentação da obra escrita de Platão e os traduz em linguagem perfeitamente acessível a qualquer um que já tenha começado ou que queira começar a filosofar com Platão, o que, segundo o autor, é uma garantia de estar no caminho certo (cf. p. 15).

Se eu afirmasse aqui que toda a tese de Szlezák se concentra na última lição do livro correria o risco de induzir o leitor a tomar o caminho mais curto e de contentar-se com a leitura da lição 27 sobre “O conceito de filosofia em Platão e a finalidade dos diálogos” (p. 183-186). Entretanto, a afirmação é

verdadeira, porque nessas últimas páginas o autor resume, à maneira do verdadeiro filósofo platônico, o caminho longo pelo qual conduziu o leitor, nas lições anteriores, a descobrir por si mesmo o conceito de filosofia em Platão mediante o esforço de leitura dos diálogos. A imagem do caminho longo, aliás, é das preferidas por Platão para referir-se à dialética ou, o que é o mesmo, à verdadeira filosofia! Assim, advirto o leitor que o fato de apresentar em seguida os resultados da investigação concentrados nas quatro últimas páginas do livro não tem a intenção de poupá-lo da prazerosa fadiga de se introduzir na leitura da obra para provar a veracidade das homologias ou concordâncias alcançadas pelo autor ao longo do seu percurso pelos escritos de Platão.

A tese de fundo do autor, retomada na última lição, é que o conceito de filosofia elaborado por Platão em sua obra escrita, em torno da sua concepção da dialética, não se apresenta nem como um conjunto de proposições provisórias ou de verdades revogáveis, por um lado, nem como um conhecimento sobre-humano por outro. A dialética é uma possibilidade real, um caminho transitável, embora longo, que conduz a uma meta alcançável, a um fim da viagem (cf. *República*, 532 E), que é justamente a Idéia do bem, cognoscível para o *nous* humano. Esse conhecimento das Idéias é o que liga firmemente o que é exato a um fundamento sólido, tornando-o permanente e preservando-o de constantes reformulações. Ora, esse conhecimento é o que proporciona ao homem uma assimilação a Deus sem, contudo, suprimir a diferença que existe entre homem e Deus, pois o homem não pode permanecer para sempre naquele conhecimento, mas é sempre de novo submerso nas suas ocupações com o não essencial. Essa é a razão pela qual Eros representa a própria

essência da filosofia (*Banquete*, 203 E), pois tudo o que ele alcança lhe escapa e precisa ser alcançado de novo.

O conhecimento das Idéias, particularmente o conhecimento da que é maximamente cognoscível, da qual todos os objetos conhecidos recebem o ser e a essência, embora ela mesma não seja uma essência, mas esteja muito além da essência (*República*, 509 B), esse conhecimento está sempre exposto ao perigo de mal-entendidos, principalmente quando é confiado a um instrumento – a escrita – que não possui o grau de clareza e solidez exigido para mover-se no plano dos princípios. O filósofo não confia todo o seu pensamento à escrita, não porque aquilo que ele retém não pudesse ser comunicável pela via escrita, mas justamente por causa da responsabilidade que ele tem diante da divina filosofia. Entretanto, essa mesma responsabilidade é o que o move a escrever para conduzir incessantemente à filosofia esses seres limitados que nós somos.

Os diálogos são dotados de uma força protréptica, condutora para além de si mesmos, isto é, para as coisas de maior valor. Entretanto, a forma desses escritos não pode ser separada dos conteúdos que se alcançam no próprio ato da condução. Os diálogos, portanto, devem ser lidos como *dramas*, peças de uma ação contínua oferecida ao leitor de acordo com o seu grau de maturidade intelectual e moral por aquele, a saber, o dialético, que é capaz de trazer ao discurso escrito os auxílios de que ele sempre carece e, ao mesmo tempo, é capaz de conduzir os interlocutores às concordâncias que eles estão aptos a alcançar, sem que isso signifique que o condutor do diálogo não possa conduzir a outras concordâncias mais profundamente fundamentadas.

“Assim, por meio de sua técnica literária coerentemente sustentada, os diá-

logos remetem à filosofia oral de Platão. E, justamente por isso, revelam ser obras de um *philosophos* no sentido da crítica da escrita” (p. 186). Com esse parágrafo Szlezák encerra o seu denso percurso pela obra escrita de Platão, ao longo do qual progressivamente se esclarece que “[A] existência de uma filosofia oral por trás dos diálogos é, portanto, antes de tudo uma *consequência* que se obtém obrigatoriamente da aplicação da crítica da escrita aos próprios escritos de Platão” (p. 166). Essa conclusão brota de uma cuidadosa aproximação ao texto de Platão, que explicita as características do diálogo platônico (lição 6) e o seu significado filosófico (lição 24); que enfrenta com lucidez a crítica platônica da escrita no *Fedro* (lição 12) para dela extrair a definição platônica do filósofo com base em sua relação com seus escritos (lição 13); que descortina com grande acribia o significado de “as coisas de maior valor” (*timiótera*) (lição 14), assim como a delicada questão do “auxílio ao *logos*” nos diálogos (lição 15), bem como o lugar e o sentido das enigmáticas “passagens de retenção” no conjunto da obra escrita (lição 17) e o significado das intrigantes alusões para a leitura de Platão (lição 19).

Um dos trunfos mais consistentes da argumentação de Szlezák para desmontar a pretensão da moderna teoria da forma dialógica, consagrada pela interpretação de Schleiermacher, de passar ilesa pela crítica platônica da escrita consiste em não se deixar guiar, na compreensão dos diálogos platônicos, “pela hermenêutica dos gêneros literários arcaicos menores do oráculo (*chresmos*) e do enigma (*ainos*, *ainigma*), mas partir das possibilidades do gênero maior progressivo do drama” (p. 139). Com alguns exemplos cuidadosamente escolhidos, Szlezák mostra como Platão domina as técnicas da dramaturgia e sabe empregá-las para apresentar seu conceito de filosofia (lição 20).

Nas últimas lições o autor aborda a questão da ironia (lição 21), do mito (lição 22), do monólogo e do diálogo com interlocutores imaginários no interior dos diálogos platônicos (lição 23). Na lição 25 pretende explicar como e por que a forma dialógica foi mal compreendida pela moderna teoria do diálogo e, na lição 26, expõe concisamente a diferença entre o esoterismo e a observância do segredo, para tornar compreensível e, ao mesmo tempo, superar os equívocos em que incorrem as interpretações modernas que se recusam a levar a sério as posições assumidas por Platão na *Carta VI*, quanto à disseminação da sua filosofia, que estão em perfeita consonância com a crítica da escrita do *Fedro*.

Para concluir esta resenha, quero lembrar as palavras de um dos grandes estudiosos de Platão no século XX, Hans-Georg Gadamer, que não só formulam magistralmente o estado atual da questão, mas apresentam o grande

desafio que se apresenta para o estudioso de Platão em nossos dias: “O problema geral da interpretação platônica, tal como se nos apresenta hoje, funda-se sobre a obscura relação existente entre a obra dialógica e a doutrina de Platão que só conhecemos por uma tradição indireta” (*Gesammelte Werke*, Band 6, Tübingen 1985, p. 244). Esse é o problema que o livro de Szlezák pretende ter enfrentado, a meu ver com grande acuidade. A tradução da obra é mais uma excelente ocasião, e até mesmo um convite, para que os estudiosos do platonismo no Brasil possam manifestar-se mais claramente sobre esse problema que, em outras sedes, tem provocado um grande e fecundo debate acadêmico.

Marcelo Perine
PUC/SP — CNPq